



RELIGIÃO E CRISE SOCIOAMBIENTAL

VII CONGRESSO ANPTECRE PUC-RIO

**Waldecir Gonzaga
Abimar Oliveira de Moraes
Maria Teresa de Freitas Cardoso
(Orgs.)**

**INTER
SEÇÕES** | **EDITORA
PUC
RIO**



Reitor

Prof. Pe. Josafá Carlos de Siqueira SJ

Vice-Reitor

Prof. Pe. Anderson Antonio Pedroso SJ

Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos

Prof. José Ricardo Bergmann

Vice-Reitor para Assuntos Administrativos

Prof. Ricardo Tanscheit

Vice-Reitor para Assuntos Comunitários

Prof. Augusto Luiz Duarte Lopes Sampaio

Vice-Reitor para Assuntos de Desenvolvimento

Prof. Sergio Bruni

Decanos

Prof. Júlio Cesar Valladão Diniz (CTCH)

Prof. Luiz Roberto A. Cunha (CCS)

Prof. Sidnei Paciornik (CTC)

Prof. Hilton Augusto Koch (CCBS)



RELIGIÃO E CRISE SOCIOAMBIENTAL

VII CONGRESSO ANPTECRE PUC-RIO

**Waldecir Gonzaga
Abimar Oliveira de Moraes
Maria Teresa de Freitas Cardoso
(Orgs.)**

© **Editora PUC-Rio**

Rua Marquês de S. Vicente, 225 – Casa da Editora PUC-Rio

Gávea – Rio de Janeiro – RJ – CEP 22453-900

Telefone: (21) 3527-1760/1838

edpucrio@puc-rio.br

www.editora.puc-rio.br

Conselho Gestor da Editora PUC-Rio

Augusto Sampaio, Danilo Marcondes, Felipe Gomberg, Hilton Augusto Koch, José Ricardo Bergmann, Júlio Cesar Valladão Diniz, Sidnei Paciornik, Luiz Roberto Cunha e Sergio Bruni.

Revisão de texto: Cristina da Costa Pereira

Projeto gráfico de capa: Flávia da Matta Design

Projeto gráfico e diagramação de miolo: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Livro com origem no VII Congresso da ANPTECRE – PUC-Rio – 2019.

Religião e crise socioambiental / Waldecir Gonzaga, Abimar Oliveira de Moraes, Maria Teresa de Freitas Cardoso (orgs.). – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, [2020].

316 p.; 22 cm

“Livro com origem no VII Congresso da ANPTECRE – PUC-Rio – 2019”

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-88831-17-5

1. Ecologia humana – Aspectos religiosos. 2. Meio ambiente – Aspectos religiosos. I. Gonzaga, Waldecir. II. Moraes, Abimar Oliveira de. III. Cardoso, Maria Teresa de Freitas.

CDD: 216.88

Elaborado por Marcelo Cristovão da Cunha – CRB-7/6080

Divisão de Bibliotecas e Documentação – PUC-Rio

Sumário

- 7 Prefácio**
Abimar Oliveira de Moraes
- 11 Abertura**
Cardeal Orani João Tempesta, O. Cist.
- 17 Introdução**
Waldecir Gonzaga
- 33 A crise socioambiental: causas, desafios e perspectivas**
José Ivo Follmann SJ
- 47 *Extra naturam nulla salus? O drama e a esperança da criação e da religião na era do Antropoceno***
Maria Isabel Pereira Varanda
- 67 Religião e ecologia: teoecologias no espiritualismo brasileiro**
Luiz Signates
- 77 O mal entra pela boca: a dieta neoliberal, a produção agrícola e a questão ambiental – percursos de uma pesquisa**
Valério G. Schaper
- 95 A redução da natureza a objeto, produto e meio de produção e o horizonte do bem viver e da ecologia integral**
Paulo Agostinho N. Baptista
- 113 Teologia, fundamentalismo cristão e meio ambiente sob o olhar do demônio em Paul Tillich**
Jaziel Guerreiro Martins
- 123 Refletindo sobre a realidade teológico-política da sociedade brasileira na atualidade**
Gerson Leite de Moraes
- 137 Cosmologia teológica para uma renovação antropológica: caminhos de interação a partir de A. Garcia Rubio e A. Gesché**
Lúcia Pedrosa-Pádua

- 153 Relatos do deserto e eco-poética: hiperconectividade no Cristianismo antigo**
Paulo Augusto de Souza Nogueira
- 169 Religião, gênero e ecologia: um pouco de história e desafios de movimentos ecofeministas**
Ivoni Richter Reimer
- 183 Gênero, religião e ecologia**
Gilbraz Aragão
- 197 Sinais dos tempos e dos espaços: elementos para uma teologia pública da Casa Comum**
Alex Villas Boas
Rudolf von Sinner
- 213 Para além do reencantamento do mundo natural: *religare como renaturare***
Clodomir B. de Andrade
- 227 Sínodo para a região pan-amazônia: sinal dos tempos que estão por vir**
Pe. Edelcio Ottaviani
- 243 Pecado e conversão ecológica: Contribuição da ecoteologia para a discussão acerca de “religião e consciência ecológica”**
Afonso Murad
- 259 Encontros e diálogos com Selene, mulher camponesa pomerana: agricultura familiar orgânica e espiritualidade de tradição luterana**
Claudete Beise Ulrich
- 277 O paraíso devastado: colonização, catequese e desamparo**
Zuleica Dantas Pereira Campos
- 291 Amazônia: escuta, anúncio, diálogo para uma Igreja com rosto amazônico**
Francilaide de Queiroz Ronsi
- 311 Posfácio**
Maria Teresa de Freitas Cardoso

Sinais dos tempos e dos espaços: elementos para uma teologia pública da Casa Comum

Alex Villas Boas*

Rudolf von Sinner**

Introdução: a tarefa de uma teologia que se entende pública diante de questões socioambientais

A tarefa do diálogo da Teologia com a Ecologia implica não somente uma aproximação temática como já vinha sendo feito por algumas áreas das Ciências Humanas, incluindo a Teologia (VILLAS BOAS, 2012), mas uma re-fundação epistemológica em que o referencial cultural ao qual a produção de conhecimento se dirige não é mais somente o ser humano, mas como se relaciona com o mundo que habita, e a criação de um “comum” integrador das diferenças, visando assim a superar o antropocentrismo que está na base das contradições culturais que retroalimentam o modelo de ciência e produção predatórias do Meio Ambiente, bem como alimentam a exclusão social.

“Casa Comum” é uma expressão compartilhada entre a Agenda 2030 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU (UN 2015, nn. 7; 36) e a Carta Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da Casa Comum (LS nn. 53;62-63; 111-114; 119; 144; 156-157), do Papa Francisco, publicada meses antes. Pode ser encarada como símbolo do novo cenário mundial que demanda a adoção de uma agenda pública para um esforço coletivo político e social, ainda mais urgente em tempos da Covid-19, que desmascara as contradições culturais do determinismo econômico e solicita uma responsabilidade compartilhada e retroalimentada por uma cultura de solidariedade. Nas palavras do Papa Francisco, desvela uma humanidade a pensar que seria possível ser sempre saudável num mundo doente

* Doutor e livre-docente em Teologia, professor da Faculdade de Teologia e coordenador do Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião (Citer) da Universidade Católica Portuguesa. Professor convidado no Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR. Contato: alexvboas@ft.lisboa.ucp.pt

** Doutor e livre-docente em Teologia, professor adjunto de Teologia Sistemática e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR. Professor extraordinário na Universidade de Stellenbosch, África do Sul. Pesquisador bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Contato: rudolf.sinner@pucpr.br

(FRANCISCO, 2020). Em momentos como esse, verifica-se nas religiões um grande potencial de empatia e cooperação social. Casa Comum também indica uma atitude epistemológica que demanda uma hermenêutica teológica pública do potencial de cooperação e solidariedade (SINNER, 2018, 2019) do campo religioso com as diversas áreas de conhecimento para uma revisão de esquemas morais e mentais, especialmente com a acentuação da crise humanitária já em curso, em tempos de pandemia, trazendo a necessidade de pensar a vulnerabilidade como categoria central.

A dimensão cultural desta crise, simultaneamente social e ecológica, é evocada pela *LS*, para o desenvolvimento de estratégias de resistência ao monopólio do paradigma tecnocrático e ao seu modo de produção globalizante e massificador. A sustentabilidade ecológica e social implica a crítica ao antropocentrismo epistemológico e à cultura do descarte alimentada por uma visão consumista que produz um estilo de vida hegemônico. A *LS* convoca, assim, uma corajosa revolução cultural que estabeleça a interdependência entre as soluções científicas e econômicas, a educação e a cultura, integrando, no discurso público, diversidade cultural, arte, poesia, e expressões de vida interior, numa chave intercultural que procura soluções cooperativas entre pessoas e instituições distintas para problemas comuns.

A categoria Casa Comum demanda a realocação da cultura como “âmbito comum” que consolida uma unidade cultural, como referência epistemológica de cada área de saber, sendo assim, naturalmente, um exercício de saída da autorreferencialidade, não somente da Teologia, mas de todo campo de saber em um exercício interdisciplinar e transdisciplinar. Entretanto, a *LS*, que pode ser uma grande oportunidade de aceitação da Teologia no espaço público, por meio da adoção de uma agenda pública amplamente intercultural, incorre no risco contraditório de vulgarização ao ser entendida como um elemento meramente eclesial, ao se analisar a sua recepção.

A *LS* é citada em mais de 2.000 trabalhos científicos de diversas áreas, porém, na área de *Religious Studies* (nomenclatura internacional comumente aceita para Ciências da Religião e Teologia), num universo de quase 300 artigos científicos em periódicos indexados de alto índice bibliométrico, há apenas 11 trabalhos com um fator de impacto acima de h10 no *Google Scholar*¹. A análise irá se basear nos textos de maior impacto, ou

¹ A análise baseia-se nos resultados obtidos do Google Scholar captados pelo software *Publish or Perish*, utilizado amplamente pelas agências de financiamento e entidades reguladoras da produção científica. Utilizaram-se os verbetes combinados: *Laudato Si'*, *Theology*, *Ecology*, *Common Home*, *Religion*, *Agenda 2030*.

seja, que foram mais absorvidos na produção de outros textos. Isso não significa que outros textos, inclusive de colegas, não sejam de qualidade, mas têm repercutido pouco no respectivo fórum de debate. Os três artigos mais citados incidem no histórico do diálogo entre teologia e ecologia, como a Ecoteologia (TAYLOR; WIEREN; ZALEHA, 2016), e em outras tradições religiosas (NIEMANDT, 2015), e o novo interesse das ciências pela *LS* (DEANE-DRUMMOND, 2016).

Trabalhos coletivos têm contribuído para a sistematização da hermenêutica teológica da ecologia integral, mapeando a presença da ecologia clássica nos pontificados anteriores, mas com especial ênfase na teologia da criação (MILLER, 2017) e na tradição filosófico-teológica de valorização do mundo (BONINO; MAZZOTTA, 2018), que promovem a noção e as relações ecológicas verticais, assentes na igualdade da dignidade da criação (DANROC; CAZANAVE, 2016). No entanto, dois limites comuns devem ser apontados a esses trabalhos: 1) não é explorado o possível papel da ecologia cultural no desenvolvimento de uma ecologia integral; 2) a *LS* é abordada preferencialmente em termos de teologia da criação, descuidando da abertura epistemológica para um pensamento inclusivo e alternativo ao reducionismo tecnocrático da razão pública. Os índices bibliométricos indicam que o interesse de leitura da *LS* é muito maior fora da teologia e das ciências da religião, e mesmo aqui, a falta de indícios da repercussão da obra de um autor em um outro indica que pouco se lê aquilo que se produz sobre a *LS* no campo de Estudos de Religião, em âmbito nacional e internacional.

Na escassa produção científica sobre a relação entre *LS* e *ODS*, salientam-se as suas convergências, vendo a crise ambiental como outra face da crise social, a necessidade de repolitizar a sustentabilidade desde uma ética social (GIRAUD; ORLIANGE, 2017). Um dos limites desta visão é, contudo, não identificar as diferenças entre os dois documentos. Há relevantes ênfases que apontam como a Agenda 2030 fica ligada a um modelo social-democrático em crise de credibilidade política, ao passo que a encíclica advoga um modelo inovador de responsabilidade ética comunitária e uma economia ecossolidária (SACHS, 2017). A distinção dos sujeitos epistêmicos determinados pelos dois documentos é um ponto alto, no entanto, enfatiza uma cultura dialética conflitual que retroalimenta as razões de recusa em ambientes de opinião polarizada (LI; HILGARD; SCHEUFELE et al., 2016). Em nenhum desses trabalhos está presente a ideia de reconciliação cultural, questão de particular importância para Francisco (VILLAS BOAS, 2016).

Demanda-se uma inovação de abordagem que não incide na produção de uma nova teologia da criação – por mais importante que seja –, mas em estabelecer as bases epistemológicas para uma hermenêutica teológica pública, contra-hegemônica e intercultural e em vista da elaboração de uma ecologia do cotidiano necessária para o cumprimento da Agenda 2030. A inovação esperada visa a uma nova imaginação política, integradora de fronteiras culturais e sociais, para uso da educação formal e não formal em comunidades religiosas que assumem a Agenda 2030, discernindo novas formas de operacionalizar o afeto público da solidariedade em tempos de pós-pandemia que possibilite a consolidação imagética da consciência ética e estética da Casa Comum, traduzida teologicamente na linguagem ordinária a fim de reduzir as incongruências dos sistemas ecológicos do contexto social. No que segue, abordamos a temática em dois vieses: primeiro, na linha de uma Teologia do cotidiano da Casa Comum, e depois, numa reconceituação da escatologia que inclua a dimensão espacial e não apenas temporal.

Teologia do cotidiano da Casa Comum

A revisão de literatura especializada e a avaliação do seu impacto evidenciaram a necessidade de preencher uma lacuna no debate atual, que é o papel da ecologia cultural na ecologia integral, e sua interdependência com a ecologia do cotidiano. Tal hipótese parte da ideia de que a ecologia cultural, que surge na década de 1980, e que é reempregada pelo Papa Francisco desde a epistemologia do cotidiano de Michel de Certeau, pode ser desenvolvida como plataforma para a ecologia integral e as metas multitemáticas e interdependentes dos ODS da Agenda 2030. De Certeau, além de ser o teólogo mais apreciado pelo Papa Francisco (FRANCISCO, 2017) e apesar de não ter desenvolvido um pensamento específico sobre ecologia, dedica seu trabalho às constantes transformações culturais na sociedade de consumo e cultura de massa. Privilegia o desafio do reconhecimento das alteridades, especialmente as emergentes das contradições da sociedade como o excluído, o imigrante, as minorias e o agravamento da histórica desigualdade de gênero. A cultura será, portanto, um espaço de habitar de modo resistente ao poder que cria dinâmicas culturais hegemônicas e que incidem sobre a produção de subjetividades.

A dinamicidade cultural alternativa surge da capacidade de discernir a tensão entre o que se conserva e o que se inventa no tecido cultural,

provocada pela presença da alteridade, demandando a criação de um lugar comum de habitação. Sua noção de comum possibilita a suspensão de uma visão dicotômica entre identidade e alteridade, para uma visão relacional (CERTEAU, 1987, p. 218-220). Teologicamente, a alteridade é vista sob o signo do imprevisível e é exatamente o modo como representa o desvelamento de Deus, desconstruindo as tentações hegemônicas e promovendo uma diversidade reconciliada (CERTEAU, 2005, p. 341; 437-461).

De Certeau não visa a capturar a cultura em uma suposta essência que historicamente corroborou para a definição de identidade hegemônica e postura epistemológica com pretensão de neutralidade científica, resultando em desinteresse e despolitização da produção de conhecimento, no sentido em que não interfere na tarefa de reconhecimento e afirmação da diferença, como processo vital e expansivo. Ademais, a pretensão de superioridade performativa conduz a ciência a não se entender como dependente da cultura, mas antes a reduz como objeto da ciência e não como seu espaço de produção, resultando em um abismo entre comunidade científica e a população, entre o cientista e o cidadão, entre senso crítico e senso comum. A cultura, para o pensador francês, é analisada em suas práticas, e visa a reconduzir a prática de pensar a cultura e as línguas científicas para o âmbito de origem, o cotidiano. Elaboro, assim, uma epistemologia das práticas quotidianas como lógica da ação que está no cerne da constituição e da transformação do campo social, cultural, político, científico, educativo e religioso, pois incide no exame do cotidiano, âmbito significativo na constituição dos sujeitos, de produção de sentidos sobre si e sobre o mundo, como abertura para a alteridade (CERTEAU, 2018, p. 157-181). Apesar de ser pouco conhecido como teólogo, o autor francês tem especial importância, não somente para o atual pontificado, como para alguns projetos teológicos que se inspiraram no autor como a *Théologie de la différence chrétienne* (GEFFRÉ, 1991) e a *Theologie de l'exil* (MOINGT, 1991), que propunham uma hermenêutica cristã da alteridade e o esboço de uma teologia em saída. Também a *Theologie du quotidien* (THEOBALD, 2016) e a *Théologie de la faiblesse du croire* (BAUERSCHMIDT 2000) que dialogam com a antropologia do crer. São, ainda, significativas outras propostas recentemente publicadas que exploram aplicações temáticas do autor no campo da espiritualidade, da linguagem, da teologia do mundo entre outros (GIARD, 2017). Entretanto, em nenhum desses projetos há uma aplicação das categorias de Certeau a uma teologia da Casa Comum, explorando a relação entre ecologia cultural e ecologia do cotidiano.

A questão central a ser investigada, em nossa perspectiva, é pensar a ecologia desde a perspectiva do cotidiano como problema cultural, situada no processo de alienação da sociedade de consumo e cultura de massa que molda as relações na produção de uma subjetividade marcada por um estilo de vida hegemônico, a fim de reformular em chave ecológica a dialética entre casa e sociedade, *oikos* e *polis*, habitar e pertencer, no horizonte da dissolução das convergências. De Certeau, em seu trabalho sociológico, reforça a intuição de que devem ser elaboradas soluções não somente econômicas e políticas, mas também práticas de ecologia social, identificadas no horizonte de uma ecologia cultural que inverte a tradicional perspectiva analítica *top down*, ao valorizar recursos motivacionais, normativos e simbólicos excluídos da racionalidade pública de cariz tecnocrático. Nesta perspectiva, ganham relevância crítica as heterologias, aberturas culturais que introduzem a alteridade dentro do espaço familiarizado, e que configuram as fronteiras como lugar de encontro intercultural. Sendo a religião o tecido cultural no qual se confeccionou a subjetividade hegemônica moderna, não se pode deixar de lado a questão religiosa na reformulação da criação cultural revisitando a capacidade de abrir fendas éticas e estéticas que a experiência religiosa comporta taticamente no cotidiano, em que a transcendência também se dá como forma de resistência (CERTEAU, 1986, p. 171-198).

Ademais, a questão ecológica, tanto na *LS* quanto na Agenda 2030, revisita a questão dos direitos humanos na medida em que o referencial epistemológico antropocêntrico se mostra insuficiente como medida cultural, ética e política de incorporação de alteridades, uma vez que a pretensão da representação da universalidade do ser humano sempre promoveu a tentação da superioridade de uma cultura sobre as demais. A ecologia integral, por sua vez, vê-se como um itinerário de reconhecimento da comum dignidade manifestada em suas múltiplas diferenças. Entretanto, tal debate precisa adentrar taticamente microliberdades que funcionam como microrresistências em forma de rede, quando pensadas em dinâmica de ecosolidariedade da Casa Comum. O momento de pandemia que se vive mundialmente e as oscilações de prioridade política entre salvar vidas ou mercados evidenciam como a solidificação de uma cultura de solidariedade operacionalizada no cotidiano para ser uma forma de política em rede é um trabalho urgente, contínuo e constante. O ponto de vista da epistemologia das práticas cotidianas de De Certeau pode oferecer as bases de uma

teologia do cotidiano da Casa Comum que possa ecologizar as dicotomias culturais e sociais desde o âmbito da religiosidade vivida. A atitude epistemológica do autor, crítica a uma epistemologia da História e por extensão às Ciências Sociais e Humanas de cariz tecnocrático, rompe teórica e metodologicamente com os mecanismos de homogeneização, dinâmicas de exclusão, repressão e controle articulados em diversos contextos (econômico, político, cultural, científico e religioso). Segue de perto, assim, a arqueologia foucaultiana, que correlaciona relações de poder, produção de conhecimento e produção de subjetividade. A análise destes procedimentos hegemônicos visa a desconstruir e desnaturalizar as operações de poder escondidas em significações hegemônicas presentes no quotidiano desde as operações situadas entre identidade e alteridade, nomeadamente as relações de confrontação, comparação, reconhecimento e reconciliação. Para suspender o olhar hegemônico do sujeito epistêmico, De Certeau adota a noção de complexidade que evidencia a inutilidade operatória dos binarismos dicotômicos em que a diferença é vista como negativo da identidade. Pensada a partir da *coincidentia oppositorum* de Nicolau de Cusa, a complexidade pode assim ser vista como diferença afirmativa, integradora de uma multiplicidade capaz da produção de uma comunidade expandida, e como o vetor pelo qual o futuro entra no presente (CERTEAU, 2015, p. 41-119).

De Certeau, assim, privilegia o que chamou de táticas entendidas como lógicas operatórias das artes de fazer e das artes de dizer, que emergem como resistência, práticas de uma nova criação cultural, integradora da alteridade numa revolução silenciosa do quotidiano em que germina um modo de habitar comum de onde emergem novas linguagens e práticas compartilhadas. Ademais, o projeto se insere no debate sobre o retorno do religioso nas sociedades e nas Ciências Humanas e tem como interlocutores os autores que têm revisitado o substrato teológico da cultura como elemento que não pode ser desprezado para uma nova imaginação política.

Nesse sentido, há algumas tarefas de interlocução que são necessárias incorporar no debate epistemológico interdisciplinar das Ciências da Religião e da Teologia, para a relação entre religião e Casa Comum, como elemento privilegiado para um discurso público das teologias e religiões, a saber: sobre o papel que o Cristianismo ocupa na produção de subjetividades no âmbito das arqueologias do saber de Michel Foucault e de De Certeau (CERTEAU, 2018, p. 157-181); a análise que Agamben faz do sentido de antitragédia do Cristianismo na cultura (AGAMBEN, 1999, p. 133);

a reflexão de Boaventura S. Santos sobre o perfil de religião contra-hegemônica produzido pelas teologias políticas plurais no diálogo entre epistemologias do Sul e do Norte (SANTOS, 2013, p. 142); a questão de Deus vista como intensificação da vitalidade como elemento teológico de uma ética da responsabilidade em Hans Jonas (JONAS, 1979); a questão da religião no espaço público nas sociedades pós-seculares em Habermas (MONIZ, 2019, p. 109-132); a desconstrução do Cristianismo desde a sensibilidade ética e estética em Jean-Luc Nancy (NANCY, 2005); a necessidade de pensar desde as fronteiras, como linhas de proteção dos direitos fundamentais dos estrangeiros, como propõem Medrazza e Neilson (MEDRAZZA; NEILSON, 2019), assim como as práticas em que a religião pode ser pensada como abertura à alteridade e espaço de redução de desigualdade de gênero (HARRIS, 2017), todos esses elementos promotores de um espaço comum, que se integram e se inter-relacionam na Casa Comum.

Ecologia, escatologia e teologia pública

Posta esta agenda epistemológica, diante do desafio específico da questão socioambiental, optamos, nesta segunda seção, por fazer uma discussão que entendemos ser propriamente teológica, e mais especificamente de Teologia fundamental-sistemática, discutindo como essa questão e o contexto hoje conscientemente plural em termos de religiões e culturas desafiam uma teologia cristã, e com que ela pode contribuir para com essa discussão tão necessária. Ao falar de “Teologia”, não se intenta ser exclusivo, pois poderá e deverá haver uma teologia judaica, muçulmana, uma afroteologia (SILVEIRA, 2019), uma teologia espírita etc. Falamos aqui a partir do nosso *locus* específico, que é uma universidade confessional com um curso de Teologia Cristã, ainda que em toda abertura ecumênica e inter-religiosa, tanto que há, por exemplo, um Sheik muçulmano querendo fazer um pós-doc. Entendemos a Teologia como a análise crítica e construtiva não propriamente de Deus, mas do falar de Deus. Trata-se de um exercício totalmente humano, baseado em linguagem. Este falar de Deus existe, é verdade, porque há pessoas que creem que haja um Deus com quem se relacionam, de quem se sentem interpeladas, a quem se dirigem em culto e oração e a partir de quem se posicionam ética e moralmente. Conta com a irrupção do Outro, do messiânico que nos interpela, que nos justifica e que nos convida ao compromisso. O foco, no entanto, na academia deve estar numa

abordagem sistemática, ou seja, racionalmente organizada e metodologicamente responsável, que possa responder às indagações de outros campos de saber quanto ao que está fazendo e por quê. Sua pertinência é medida em relação às narrativas fundantes – o que Lutero chamaria de Evangelho como chave hermenêutica central, aquilo que promove o Cristo – e em relação aos desafios da contemporaneidade. Uma teologia precisa ser pública, na medida que se situa numa esfera pública na qual contribui com os desafios contemporâneos que nos afligem, entre eles a tremenda ameaça à sobrevivência do planeta e a urgência de buscar e promover o *sumak kawsay*, o bem viver tão destacado pelos povos andinos (ACOSTA, 2016; SOLÓN, 2019). É pública – além da questão epistemológica apontada acima – na medida em que segue duas características centrais da postura e da atuação de Jesus: *parrhesia*, o dizer público da verdade mesmo quando incômoda, e é considerada inoportuna (FOUCAULT, 2011). Também *kenosis*, a renúncia a uma imposição poderosa, localizando o verdadeiro poder na humildade e na fraqueza demonstradas na cruz que, por sua vez, escancara a arrogância do poder opressor e destruidor dos interesses políticos e econômicos da chamada elite. *Parrhesia* e *kenosis*, ou simplificando, ousadia e humildade (SINNER, 2012). Por fim, uma teologia pública, na figura da teóloga ou do teólogo que a exerce, responde a três públicos no famoso dizer de David Tracy (2006): à academia, à Igreja e à sociedade. É preciso dizer sua palavra com convicção, sem medo, procurando convencer não por força, muito menos por violência, mas por argumento – ainda me parece instigante e emancipatória aqui a ação comunicativa de Habermas – e sem arrogância. Importa, ainda, que seja uma teologia com conteúdo e posição, e não uma teologia “descafeinada” (ŽIŽEK, 2004) ou, numa metáfora mais bíblica, sem sal e, portanto, sem gosto.

A crise e a questão socioambiental indagam a teologia em, no mínimo, três aspectos: 1) em questões de justiça e cidadania, no caso presente de modo especial buscando promover o respeito aos povos originários e populações amazônicas hodiernas; 2) no relacionamento do ser humano com o seu ambiente animal, vegetal e material, da compreensão da natureza, da criação e do lugar do ser humano nela; 3) no relacionamento entre sinais dos tempos e dos lugares, bem como das compreensões de tempo e de lugar quanto à compreensão da realidade e da visão cristã sobre ela. Trataremos destes aspectos a seguir a partir de uma “escatologia latitudinal”.

Em sua palestra inaugural na Faculdades EST, proferida em 1990, Vítor Westhelle (1952-2018), teólogo luterano brasileiro radicado em Chicago até o seu falecimento mui precoce, falou sobre “Os Sinais dos Lugares: as Dimensões Esquecidas” (WESTHELLE, 1990), apontando para uma dimensão ofuscada diante da dominância da história, da temporalidade e dos “sinais dos tempos”. 22 anos depois, publicou “Eschatology and Space. The Lost Dimension in Theology Past and Present” (WESTHELLE, 2012). Vemos a continuidade na reflexão sobre uma escatologia espacial e o contínuo apontamento pelo esquecimento de uma dimensão que considerava central para a vida humana e a teologia. Foi central e reveladora para ele a experiência de quatro anos de pastorado em Matelândia/PR (1986-1990), onde também foi coordenador da Comissão Pastoral da Terra e interagiu intensamente com pessoas em suas lutas pela terra. Como formulou à época, o objetivo da luta pela terra “não é apenas uma luta particular para a transformação social, não é apenas uma estratégia dentro de um projeto histórico (sociedade socialista, Reino etc.) [...] é a libertação do espaço na forma de lugares em que se pertence” (WESTHELLE, 1990, p. 256). Sem desmerecer questões de justiça e transformação sociais, à época e ainda hoje muito atreladas a questões de progresso histórico, informadas por teleologias diversas, Westhelle procura compreender a densidade teológica da terra, das ocupações, dos acampamentos, do espaço. Reivindicou o direito de ser e do significar do espaço latino-americano, num caráter inclusive revelatório, não tendo que seguir o caminho racionalizante do Ocidente que deslocou o espaço para dentro do tempo, abstraindo a história de seu *locus* específico. Posteriormente, veio a expressar esta reivindicação por meio da perspectiva pós-colonial, que sensibiliza para a importância do estar localizado e da colonização ocidental que durante séculos se arrogou ser a única percepção válida sobre o mundo e ter, naturalmente, o poder de definição e, inclusive, de governo. Mesmo após o fim das colônias no sentido político, permaneceu a postura arrogante numa linha de pensamento que “abaixo do Equador não há pecado” (CASPAR BARLAEUS século XVII), que “o novo mundo teria se “mostrado física e espiritualmente impotente e que só as “zonas de clima temperado, mais exatamente [...] a parte Norte das mesmas” seriam “o verdadeiro palco da história mundial” (HEGEL, 1970, p. 107-108; WESTHELLE, 2010). Ou ainda, como achava seu contemporâneo Schleiermacher, “dos campos de missão não podem surgir novas heresias”. O que hoje se costuma chamar de Sul global seria uma tábula rasa na qual devem ser inscritas a razão ocidental,

a teologia ocidental, a política ocidental, a economia ocidental, a cultura ocidental. Esta tendência de globalização unilateral e homogênea tornou o mundo “chato” (FRIEDMAN, 2005), na ambiguidade que somente a língua portuguesa pode conferir ao termo. As escatologias em voga, tanto as milenaristas tão comuns em setores do protestantismo e do pentecostalismo brasileiro, para quem só existem passado e futuro, e o presente precisa ser suportado até Jesus vir, quanto as realizadas, principalmente na linha da teologia da prosperidade, para quem sofrimento e mal-estar são um acidente a ser superado e no qual se afirma sem pudor o mundo em sua configuração capitalista neoliberal, são percepções insuficientes. A tensão entre o “já” e o “ainda não” é saudável e precisa ser mantida, mas não pode restringir-se apenas à dimensão temporal.

Na verdade, a etimologia de *eschaton* já mostra a forte conotação espacial: os primeiros (*protoi*) serão os últimos (*eschatoi*) e vice-versa, referindo-se a sua localização social, nem tanto temporal. Ou na parábola do banquete (Lc 14,7-11), em que os discípulos deveriam sentar no último lugar (*eschaton topon*) para daí serem convidados a avançar para cima da mesa. “O *eschaton* é o lugar onde ocorre a reversão” (WESTHELLE, 2012, p. 80), ou, por que não, a revolução. A partir desta constatação etimológica e da importância do deslocamento teológico a partir da pós-colonialidade e das teologias da libertação, deve-se, defende Westhelle, partir para uma escatologia não longitudinal, mas latitudinal. “A escatologia das teologias da libertação não é sobre progresso, que sugeria um paradigma longitudinal, mas sobre limites, fronteiras e margens” (WESTHELLE, 2012, p. 81). E de modo geral,

Escatologia é um discurso sobre liminalidade, marginalidade, sobre o que é diferente num sentido ontológico, ético, e também epistemológico. Ontologicamente, porque se depara com a questão de Outra realidade; eticamente, porque pertence a um código moral diferente, tão diferente como é o Sermão do Monte de todos nossos sistemas éticos e prescrições morais; epistemologicamente, pois escatologia é também sobre a liminalidade dos nossos regimes epistêmicos aceitos, isto é, que há outros “saberes”, muitas vezes suprimidos, além do âmbito no ético comumente aceito na academia. (WESTHELLE, 2012, p. 73).

Foi Agostinho quem colocou o tom para a teologia ocidental, seja ela católica ou protestante. O preço para tirar os cristãos da linha de acusação

de que o novo Deus adotado seria responsável pelo fim de Roma foi de distinguir a *civitas Dei* da *civitas terrena vel diaboli*, dissociando-a da realidade social e política. Este dualismo, diz Westhelle, não foi cósmico, mas axiológico: “O mal não é inerente à natureza, mas ao presente supremo da liberdade” (WESTHELLE, 2012, p. 12), deslocando o drama escatológico para a experiência individual. A natureza enquanto criação de Deus fica como infraestrutura abaixo do drama da salvação; assim, a dimensão espacial da escatologia foi abandonada em prol da escatologia temporal e individualizada, contudo, focada num indivíduo sem localização.

Um as teses à guisa de conclusão

1. De fato, história, memória e também futuro e esperança, a existência do ser humano entre a criação, o *próton*, a criação, e o *eschaton*, quando o Messias se faz presença, *parousia*, são características da tradição judaico-cristã, na verdade de todas as religiões abraamíticas. O diálogo com outras concepções religiosas, com visões mais orgânicas e circulares da vida indagam uma teologia cristã sobre uma maior valorização da pertença e da sujeição às condições específicas da vida que podem ser precárias, mas providenciam um lar. Ao mesmo tempo, o vetor transformador embutido na escatologia sempre estará em certo conflito com o vetor conservador da preservação da tradição. A tensão entre eles pode ser extremamente produtiva, como se vê na abordagem de Antonio Teles da Silva (2012), marajoara que saiu de sua terra em busca de outras oportunidades, ao se deparar com a instigante literatura de Dalcídio Jurandir, também marajoara que saiu de sua terra, primeiro para Belém, depois para o rio, com umas incursões no Rio Grande do Sul. A “aquonarrativa” das águas amazônicas que caracterizam a experiência ribeirinha entre a enchente e a vazante contrasta com a travessia do Rio Amazonas e a busca do novo por esse poeta e pensador marxista sem perder sua conexão com as raízes de sua origem. Continuava dando e pedindo a bênção nas ruas apesar de não acreditar em Deus.
2. A importância da localização pede ajustes na nossa percepção da escatologia – seja ela na expectativa da vinda do Messias, seja ela numa versão secularizada quanto ao progresso tecnológico e o

constante crescimento econômico. A transformação ao longo do tempo, por mais necessária que possa ser, precisa levar em conta o espaço existente e habitado. Contudo, também o espaço não é um simples dado, mas está permeado por fissuras e rupturas de onde nascem espaços alternativos, como espaços tangenciais (*tangential spaces*) que se tornam heterotopias. A convivência intercultural, inter-religiosa e ecumênica precisa criar espaços heterotópicos que permitem um deslocamento de espaços às vezes petrificados e permitem o conhecimento de outros espaços cuja experiência permite transcender o espaço até então conhecido e adotado. Escatologia é o advento do outro, do novo, mas também a transcendência do presente, do conhecido, tanto em termos espaciais, quanto temporais. Manter esta perspectiva da revelatória, portanto apocalíptica irrupção do novo, inclusive por meio de pessoas, populações e da terra que sofrem, me parece ser uma das tarefas imprescindíveis da teologia hoje, também e não por último no âmbito acadêmico.

3. Isto nos indaga também na releitura da tradição teológica, indagada pelas epistemologias emergentes, a diversidade religiosa e cultural e as críticas pós-coloniais, de estarmos atentos às fissuras, rupturas e marginalidades. O herege Martim Lutero, hoje mais valorizado e talvez até um pouco domesticado ecumenicamente como um pai da Igreja, oferece-se para tais leituras atentas aos entre-espaços em meio às paradoxalidades que promovia, entre o interno e o externo, a justificação e o pecado, a percepção do estar *coram Deo* e *coram hominibus* etc. Westhelle as promovia e chamava até de “transfigurando Lutero” (2016) – indo com Lutero além de Lutero, percebendo a realidade revelatória na profundidade de suas abordagens e outras por ela instigadas. A *figura*, conforme Erich Auerbach, funciona como cifra literária, em si vazia, mas carrega consigo sua raiz e localização originária, de onde transita para outras localizações e eventos. Por isso, me parece importante que a ideia de vocação em Lutero, o ser humano enxergado e colocado na realidade como *cooperator Dei* numa *creatio continua* não confunde o ser humano com o criador originário, nem o redentor escatológico, mas coloca o ser humano como atuante nas dimensões da presença de Deus na

oikonomia, na *politia* e na *eclesia*, no dizer de Lutero. Portanto, tanto empodera o ser humano para assumir sua responsabilidade dentro deste mundo e não de outro, quanto o lembra da transcendência de Deus que providenciará a consumação deste mundo, deixando-o consciente de suas limitações e falhas. Também por aqui: ousadia e humildade. São posturas necessárias também na área 44, Ciências da Religião e Teologia, não por último diante dos enormes desafios da crise socioambiental.

Referências bibliográficas

- ACOSTA, Alberto. *O bem viver*. Uma oportunidade para imaginar outros mundos. Trad. Tadeu Breda. São Paulo: Elefante, 2016.
- AGAMBEN, Giorgio. *The End of the Poem: Studies in Poetics*. California: Stanford University Press, 1999.
- BAUERSCHMIDT, Frederick Christian. Introduction: Michel de Certeau, theologian. In: WARD, Graham. (Org.). *The Certeau Reader*. Oxford: Blackwell Publishers, 2000. p. 209-213.
- BONINO, Serge-Thomas; MAZZOTTA, Guido (Orgs.). *Dio creatore e la creazione come casa comune: prospettive tomiste*. Doctor Communis 1. Città del Vaticano: Urbaniana University Press, 2018.
- CERTEAU, Michel de. *A fábula mística*. II. Séculos XVI e XVII. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. 3ª reimpressão. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.
- CERTEAU, Michel de. *Heterologies: Discourse on the Other*. Theory and History of Literature, Vol. 17. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986.
- CERTEAU, Michel de. *L'Étranger ou l'union dans la différence*. Nouvelle édition introduite et établie por Luce Giard. Éditions du Seuil, 2005.
- CERTEAU, Michel de. *La culture au pluriel*. Paris: Christian Bourgois Éditeur, 1987.
- DANROC, Gilles; CAZANAVE, Emmanuel. *Laudato Si': pour une écologie intégrale*. Paris: Groupe Artège. Éditions Lethielleux/Les Presses Universitaires du Institut Catholique de Toulouse, 2016.
- DEANE-DRUMMOND, Celia. *Laudato Si' and the Natural Sciences: An Assessment of Possibilities and Limits*. *Theological Studies*, v. 77, n. 2, p. 392-416, 2016.
- FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FRANCISCO, Papa. *Encyclical Letter Laudato Si': On Care For Our Common Home*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015.
- FRANCISCO, Papa. *Extraordinary Moment of Prayer* ["Urbi et Orbi" Blessing]. Vatican: Libreria Editrice Vaticana, 2020.
- FRANCISCO, Papa. Quem é Michel De Certeau? "Para mim, o maior teólogo para os dias de hoje". *Revista IHU on line* – IHU, Instituto Humanitas Unisinos, SJ; nota do sítio da Pontifícia Universidade Gregoriana, em 19-5-2017, traduzida por Moisés Sbardelotto. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/567886-quem-e-michel-de-certeau-para-mim-o-maior-teologo-para-os-dias-de-hoje>. Acesso em: 2 set. 2020.

- FRIEDMAN, Thomas. *The World Is Flat: A Short History of the Twenty-First Century*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2005.
- GEFFRÉ, Claude. Le non-lieu de la Théologie chez Michel de Certeau. In: GEFFRÉ, Claude (ed.). *Michel de Certeau ou la différence chrétienne*. Actes du colloque “Michel de Certeau et le christianisme”. Paris: Editions du CERF, 1991. p. 157-180.
- GIARD, Luce. *Michel de Certeau: Le voyage de l’oeuvre*. Paris: Éditions Facultés Jésuites de Paris, 2017.
- GIRAUD, Gaël; ORLIANGE, Philippe. Laudato si’ et les Objectifs de développement durable: une convergence? *Études*, n. 1, p. 19-30, 2017.
- HARRIS, Harriet A. The Epistemology of Feminist Theology. In: ABRAHAM, William J.; AQUINO, Frederick D. *The Oxford Handbook of the Epistemology of Theology*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 591-605.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte [1822]. *Werke in zwanzig Bänden*. Frankfurt a. M., 1970. v. 12.
- JONAS, Hans. *Das Prinzip Verantwortung*. Versuch einer Ethik für die Technologische Zivilisation. Frankfurt am Main: Insel Verlag, 1979.
- LI, Nan; HILGARD, Joseph; SCHEUFELE, Dietram A. et al. Cross-pressuring conservative Catholics? Effects of Pope Francis’ encyclical on the U.S. public opinion on climate change. *Climatic Change*, v. 139, p. 367-380, 2016.
- MEDRAZZA, Sandro; NEILSON, Brett. *Border as Method, or, the Multiplication of Labor* (a Social Text book). Durham: Duke University Press, 2013.
- MILLER, Vincent J. (ed.). *The Theological and Ecological Vision of Laudato Si’: Everything is connected*. New York: Bloomsbury T&T Clark, 2017.
- MOINGT, Joseph. Une théologie de l’exil. In: GEFFRÉ, Claude (ed.). *Michel de Certeau ou la différence chrétienne*. Actes du colloque “Michel de Certeau et le christianisme”. Paris: Editions du CERF: 1991, p. 130-156.
- MONIZ, Jorge Botelho. Suspending (Dis)Belief? Cultural Diversity and Religion in Contemporary Europe. *Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política, Humanidades y Relaciones Internacionales*, año 21, n. 42, p. 109-132, 2019.
- NANCY, Jean-Luc. *Déconstruction du christianisme*. Tome 1: La Déclosion. Col. La philosophie en effet. Editions Galilée, 2005.
- NIEMANDT, Cornelius JP. Ecodomy in mission: The ecological crisis in the light of recent ecumenical statements. *Verbum et Ecclesia*, v. 36, n. 3, 2015, art. #1437, 8p.
- SACHS, Wolfgang. The Sustainable Development Goals and Laudato Si’: varieties of Post-Development? *Third World Quarterly*, v. 38, n. 12, p. 2573-2587, 2017.
- SANTOS, Boaventura de Souza Santos. *Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2013.
- SILVA, Antonio Carlos Teles da. Teologia das águas amazônicas. In: JACOBSEN, Eneida; SINNER, Rudolf von; ZWETSCH, Roberto E. (Orgs.). *Teologia pública: desafios sociais e culturais*. Teologia pública, v. 2. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2012. p. 73-89.
- SILVEIRA, Hendrix Alessandro Anzorena. *Afroteologia: construindo uma teologia das tradições de matriz africana*. Tese [Doutorado em Teologia]. Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação em Teologia: São Leopoldo, 2019. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/1017/1/silveira_haa_td196.pdf. Acesso em: 17 jul. 2020.
- SINNER, Rudolf von. *The Churches and Democracy in Brazil*. Towards a Public Theology Focused on Citizenship. Eugene: Wipf & Stock, 2012.
- SINNER, Rudolf von. *Teologia pública num estado laico: Ensaio e análises*. Teologia pública, vol. 7. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2018.

- SINNER, Rudolf von. *Paz em meio à violência*: subsídios para a compreensão e o exercício da cidadania cristã. São Leopoldo: Sinodal, 2019.
- SOLÓN, Pablo (Org.). *Alternativas sistêmicas*. Bem viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização. Trad. João Peres. São Paulo: Elefante, 2019.
- TAYLOR, Bron; WIEREN, Gretel van; ZALEHA, Bernard. The greening of religion hypothesis (part I and II): Assessing the data from Lynn White, Jr, to Pope Francis. *Journal of the Study of Religion, Nature and Culture*, v. 10, n. 3, p. 268-305, 306-378, 2016.
- THEOBALD, Christophe. Michel de Certeau. Théologie du quotidien. *Recherches de Science Religieuse*, v. 1, n. 104. p. 5-8, 2016.
- UNITED NATIONS. *Transforming our World: The 2030 Agenda for Sustainable Development*. New York: United Nations; 2015. Disponível em: <<https://sustainabledevelopment.un.org/post2015/transformingourworld>>. Acesso em: 15. jun. 2020.
- VILLAS BOAS, Alex. Francisco e a Teologia da cultura. *Revista Pístis & Práxis*, v. 8, n.3, p. 761-788, 2016.
- VILLAS BOAS, Alex. *Meio Ambiente & Teologia*. Col. Meio Ambiente & Outros saberes. São Paulo: Senac, 2011.
- WESTHELLE, Vítor. Os Sinais dos Lugares: as Dimensões Esquecidas. Preleção Inaugural. In: DREHER, Martin N. (Org.). *Peregrinação*. Estudos em homenagem a Joachim Herbert Fischer pela passagem de seu 60º aniversário. São Leopoldo: Sinodal, 1990. p. 256-268.
- WESTHELLE, Vítor. *After Heresy*. Colonial Practices and Post-Colonial Theologies. Eugene: Cascade, 2010.
- WESTHELLE, Vítor. *Eschatology and Space*. The Lost Dimension in Theology Past and Present. New York: Palgrave Macmillan, 2012.
- WESTHELLE, Vítor. *Transfiguring Luther*. The Plenary Promise of Luther's Theology. Eugene: Cascade, 2016.
- ŽIŽEK, Slavoj. Passion in The Era of Decaffeinated Belief. *Lacan*, v. 5, 2004. Disponível em: <https://www.lacan.com/passionf.htm>. Acesso em: 17 jul. 2020.